

Debate sobre o artigo de Fernando Zegers-Hochschild

Debate on the paper by Fernando Zegers-Hochschild

Aníbal Faúndes

Departamento de Obstetrícia
e Ginecologia, Universidade
Estadual de Campinas,
Campinas, Brasil.

Não é fácil comentar o artigo do Dr. Zegers, por várias razões. Primeiro, porque o tema é tão recente, que não há experiência que permita sustentar uma opinião bem fundamentada. Segundo, porque o Dr. Zegers não só revela seu profundo conhecimento da biologia do desenvolvimento embrionário, como também mostra ter passado por um longo processo filosófico de meditação e análise sobre o assunto. Assim, é difícil que o comentarista se sinta autorizado para qualquer contestação. Terceiro, porque o estilo do artigo é descritivo, fazendo com que os conhecimentos atuais e as novas situações que derivam dos progressos na reprodução assistida sejam muito claramente colocados, mas sem pronunciar-se quanto à valorização das condutas alternativas que poderiam ser tomadas em cada caso.

Esta, que poderia ser a principal crítica ao trabalho, é o elemento fundamental em que o discurso do Dr. Zegers se baseia, isto é, que o conhecimento é libertador à medida que nos oferece mais elementos para fazermos nosso próprio julgamento interior e tomarmos nossas próprias decisões.

O artigo deixa, entretanto, alguns vazios sobre os quais o autor não se pronuncia. Zegers refere que “o número de *concepti* criopreservados aumenta em quantidades alarmantes...”, mas não propõe alternativas de solução para esse problema. Basta lembrar que, no Reino Unido, tomou-se recentemente a decisão de autorizar que *concepti* criopreservados e ‘abandonados’ pelos seus progenitores fossem refugados, o que provocou uma enorme polêmica. É evidente que existe um limite na capacidade que os laboratórios têm de acumular *concepti* criopreservados. A implicação prática desta realidade é que uma proporção desconhecida, mas não desprezível, desses *concepti* está condenada a não sobreviver desde o momento de sua criação no laboratório.

Na introdução, Zegers deixa implícito que esses *concepti* não são ainda indivíduos ou pessoas, uma vez que possuem apenas de duas a quatro células, e somente quando cada um deles já não puder mais se dividir em gêmeos é que passa a ter um caráter único em matéria e

espírito. Poderíamos concluir, portanto, que seria moralmente permitido, mesmo sob uma perspectiva católica, que esses *concepti* fossem refugados?

Em determinados momentos de sua exposição parece que o pensamento de Zegers seria contrário a essa posição, quando discute os riscos de demarcar os inícios (curiosamente no plural) de uma pessoa. Mas se o *conceptus* ainda não possui espírito (se o possuísse não se saberia para onde ir ao transformar-se a matéria em dois gêmeos) e não se pode considerar ainda como um indivíduo, qual seria o motivo de ter um valor maior que o espermatozóide que o gerou? Só porque já uniu-se a um ócito, apesar de não ter ainda caráter individual? Cada espermatozóide tem o potencial de dar origem a um (ou mais) indivíduos com características genéticas únicas. Uma vez refugado esse espermatozóide, nunca mais haverá a possibilidade de existir um ser humano com as características daquele que seria gerado dele.

Voltando ao esplêndido texto de Zegers, ele diz: “Cada vez que se deseja demarcar os inícios de uma pessoa, utiliza-se um juízo de valor que leva implícito que a etapa prévia ao suposto início é menos importante ou tem menos transcendência que a etapa seguinte”. Essa é uma realidade incontestável. Daí a dificuldade em discutir “os inícios de uma pessoa” e de impor uma definição que todos tenham que aceitar. Este é precisamente o cerne do excelente artigo que comentamos.

Vida, para mim, é um contínuo, em que o material genético vai passando de uma geração a outra através dos gametas, *concepti*, embriões, fetos e indivíduos já nascidos. Apesar dos riscos colocados por Zegers, que temos que aceitar e frente aos quais temos que permanecer alertas, é impossível dar o mesmo valor a cada uma dessas etapas da seqüência que permite a continuidade da espécie humana.

Só à consciência esclarecida de cada um de nós cabe decidir onde colocamos o nosso limite. Por outra parte, a sociedade organizada tem que encontrar formas de coibir possíveis abusos. Enquanto é verdade que o médico precisa de formas de controle social, as normas que lhe são impostas não podem estar ligadas a determinada fé, mas baseadas no conhecimento e no humanismo, aos quais Zegers faz uma importantíssima contribuição com seu trabalho.